

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Psicologia

REFLEXÕES ACERCA DA PSICANÁLISE E DA CULTURA

Josimar Reinaldo Nunes Candido

PATROCÍNIO
2017

JOSIMAR REINALDO NUNES CANDIDO

REFLEXÕES ACERCA DA PSICANÁLISE E DA CULTURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio.

Orientador: Prof. Esp. João Paulo de Sousa

PATROCÍNIO
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Candido, Josimar Reinaldo Nunes

Algumas reflexões acerca da Psicanálise e da cultura/ Josimar Reinaldo Nunes

Candido. – Patrocínio: Centro Universitário do Cerrado, 2016.

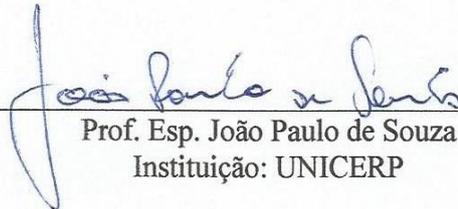
Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário do Cerrado

Patrocínio. Curso de Psicologia.

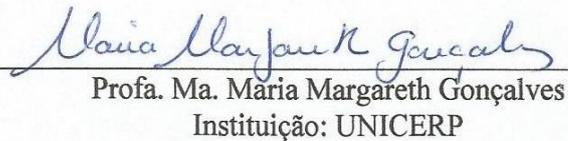
Orientador: Prof. Esp. João Paulo de Sousa

1 . Psicanálise. 2 . Libido. 3 . Cultura.

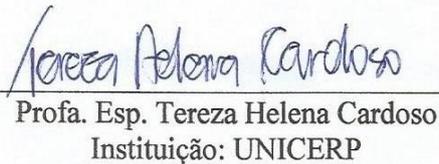
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Algumas reflexões acerca da Psicanálise e da Cultura*”, de autoria do graduando Josimar Reinaldo Nunes Candido, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Esp. João Paulo de Souza
Instituição: UNICERP



Profª. Ma. Maria Margareth Gonçalves
Instituição: UNICERP



Profª. Esp. Tereza Helena Cardoso
Instituição: UNICERP

Data de Aprovação: 13/12/2017.

DEDICO este estudo a minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos, inclusive, aqueles em que eu não merecia. A Raylaine, que soube me aguentar, mesmo nos piores dias. E dedico-o a todos aqueles que estão olhando ao próximo, e pensando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Esp. João Paulo, que mais que um orientador, foi um grande amigo, e caminhou ao meu lado nesta tortuosa busca por conhecimento.

A todas as professoras, que desde minha infância me incentivaram a leitura. E hoje, em minha recente “vida adulta”, me guiaram pelos caminhos tortuosos de aprender sobre o ser humano.

A todos aqueles que direta e indiretamente passaram pela minha vida; agradeço pelas coisas boas, e pelas ruins também.

Aos adultos que se dispuseram a enfrentar a realidade e a repensar a vida, o mundo, e a história que vivemos, para escreverem suas próprias histórias fantasiosas em maravilhosos livros de literatura que encheram a minha infância e adolescência; fazendo com que florescesse em meu peito a vontade de conhecer.

Aos filósofos, que mesmo diante de toda confusão da vida, conseguiram dar sentido a todo caos que vivemos.

Por fim, mas não menos agradecido, agradeço a meu pai, que em sua singela ignorância soube me passar o mais importante sentido da vida. Viver, pelo simples fato de existir; pois, apesar de ser difícil, tudo que tinha que ser feito, era viver.

“Eles não sabem que estamos-lhes levando a peste”

Sigmund Freud

ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA PSICANÁLISE E DA CULTURA

A cultura, conjunto de comportamentos, crenças e tradições criadas por seres humanos, pode ser considerada o ápice das relações humanas, pois faz com que o indivíduo se relacione com o coletivo, desenvolvendo a si e ao seu meio. O sujeito e suas vontades, às vezes, estão em contraste com seu meio social. A forma como ele lida com suas vontades, compreende suas limitações e molda seu lugar no meio, isto é, a equação que o faz constituir seu psiquismo é algo nebuloso. Porém, compreende-se que o indivíduo possa ser uma soma de sua subjetividade e de sua cultura. O objetivo deste estudo foi investigar na literatura científica contemporânea, como a psicanálise analisa a manifestação da libido no âmbito social, bem como analisar se o estudo da cultura complementa a compreensão acerca da constituição psíquica do sujeito. Como método para elaboração deste estudo, utilizou-se da revisão sistemática de literatura, buscando responder à pergunta norteadora do trabalho: por onde anda o desejo do sujeito em meio a cultura, como ele lida com a libido e a busca pelo prazer? Para tal, consultou-se a base de dados eletrônicos LILACS. As palavras-chave utilizadas foram: psicanálise ou libido e cultura. O horizonte temporal foi definido entre 2002 e 2016. Na primeira busca foram encontrados 480 artigos; dos quais apenas 197 foram possíveis de se obter na íntegra e em português. Cinco teses, e três dissertações foram descartadas, conforme critério de exclusão. Realizou-se a leitura dos resumos dos 189 artigos restantes. Destes, 140 não se relacionavam diretamente com o tema. Após a leitura dos 49 artigos restantes, constatou-se que 13 circulavam dentro do proposto pelo estudo, sendo estes os utilizados para a análise dos resultados. Utilizou-se do marco teórico psicanalítico, partindo dos textos de Freud e de outros autores desta mesma escola, inclusive contemporâneos, para discussão dos resultados. A discussão pairou em sua maior parte sobre como se dava a influência da cultura na constituição psíquica do sujeito, e como o outro está sempre presente na vida psíquica do eu. Os artigos que tratavam de como o sujeito lida com suas vontades em seu meio estavam em menor número. Porém, percebeu-se que eles confirmavam a hipótese de que o sujeito está em constante “conflito” com seu meio, apesar de estarem em menor número, tinham em si grandes discussões com relação ao tema. O estudo possibilitou averiguar quais eram as possibilidades das pulsões se apresentarem na cultura, assim como apresentar que o estudo da cultura é parte importante para compreensão da constituição do psiquismo, respondendo aos objetivos e questionamentos propostos neste.

Palavras chave: Psicanálise; libido; cultura.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|--|
| LILACS | Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde |
| BVS | Biblioteca Virtual em Saúde |
| DeCS | Descritores em Ciências da Saúde |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 OBJETIVOS | 12 |
| 2.1 Objetivo geral | 12 |
| 2.2 Objetivos específicos | 12 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA | 13 |
| 3.1 A cultura e a constituição psíquica | 13 |
| 3.2 As pulsões e suas vias na cultura | 16 |
| 4 METODOLOGIA | 20 |
| 4.1 Tipo de estudo | 20 |
| 4.2 Estratégia de busca de referências | 20 |
| 4.3 Procedimentos de seleção e avaliação das referências | 21 |
| 4.4 Corpus da pesquisa | 22 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 23 |
| 5.1 Uma reflexão sobre a constituição do psiquismo | 23 |
| 5.2 A cultura contemporânea e a ausência de referências | 25 |
| 5.3 As pulsões de vida na contemporaneidade | 26 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS | 34 |
| APÊNDICES | 37 |
| ANEXOS | 38 |

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investigou como a psicanálise analisa a manifestação da libido¹ no âmbito social. Realizou-se uma revisão sistemática de literatura baseada nos textos de Freud e de outros autores, inclusive contemporâneos. Optou-se também por analisar se existe uma necessidade do estudo da cultura/civilização² para captar de forma mais ampla a constituição psíquica do sujeito.

Como propôs Freud (1922/1996), em primeira instância, existe uma distinção quase palpável entre psicologia individual e psicologia social. Entretanto, torna-se complexo analisar um sujeito em sua busca pela satisfação dos desejos desprezando a relação do mesmo com o outro, pois intrinsecamente o outro está envolvido na vida psíquica do indivíduo, a vista disso pode se compreender que a psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social.

Nessa perspectiva, é nítido que o ser humano é próprio da cultura, ao mesmo tempo que a cultura também é pertencente ao ser humano, sendo possível então indagar se para a psicanálise o estudo da cultura é complementar para a análise da constituição psíquica do ser humano. Como Mezan (2002, p.318) articula, “a psicanálise lida com o funcionamento psíquico do ser humano em sociedade, pela boa e simples razão de que não há outro”, logo, acredita-se que ao empreender um estudo acerca da constituição psíquica do ser humano, é importante considerar o estudo da cultura como algo salutar para um exame mais amplo.

Para Freud (1927/1996, p.15):

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários

¹ De acordo com o site da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), na sua aba DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), o termo libido tem a seguinte descrição “Impulso ou energia associado com o instinto sexual no sentido amplo (busca do prazer e do objeto de amor). Pode também ter a conotação de energia psíquica associada com os instintos em geral, que motivam o comportamento”. Tal definição o torna similar ao termo pulsão, usado na psicanálise.

² Devido a não haver grande relevância para o presente estudo trabalhar a diferença conceitual entre cultura e civilização, será usado o termo “cultura” para designar tudo aquilo que se elevou acima das condições animais.

para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1927/1996, p.15).

Neste estudo não será feita distinção entre cultura e civilização, assim como Freud não o fez (1927/1996). O conceito de que tudo aquilo que se se ascende acima das condições animais é cultura e civilização é uma definição muito ampla; em meio a tal amplitude, são englobadas as relações econômicas, políticas, sociais, artísticas e pessoais. Como salienta Mezan (2002, p.318) “até Robinson Crusóé, em sua ilha, trazia consigo as técnicas e crenças da sociedade inglesa de 1710”, tornando visível que mesmo isolado, o sujeito carrega consigo traços da sua cultura e da influência que o mesmo teve durante a sua constituição psíquica.

Para a psicanálise e seu vocabulário próprio, valores e exemplos são tidos como referências identificatórias, isso quer dizer, traços que podem vir a auxiliar o sujeito em sua constituição psíquica. Mezan (2002, p.332, 333) evidencia que a constituição psíquica e da personalidade se dá através da “absorção de modelos identificatórios”, e que “é impossível alguém se *selbstbilden*, se autoformar”, colaborando então com o pensamento de que o sujeito necessita do outro para vir a ser, para se tornar humano e se elevar acima das condições animais, adentrando na cultura e nos meios sociais, aceitando e corroborando com as regras e demais necessidades para estar neste meio.

Freud (1927/1996, p.17) ao continuar este trabalho sobre cultura, buscou instigar o leitor ao elaborar: “Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto”, assim sendo, por onde anda o desejo do sujeito em meio a sua cultura, como o mesmo lida com a libido e a busca pelo prazer? Neste mesmo ensaio, Freud (1927/1996) buscou dar luz ao pensamento acerca do ser humano e a busca pela satisfação das pulsões, e a relação dessa busca com a cultura. Para tal, Freud então citou que a arte pode ser uma forma de satisfação das pulsões no meio social, sendo uma forma de negociar com a realidade e vir a dar prazer através de algum sacrifício pulsional necessário para o bem maior dentro da civilização.

Portanto, questiona-se se há no meio social uma forma de satisfação das pulsões de vida, e como ela ocorre frente às normas culturais e à presença do outro? Acredita-se que não há no âmbito social apenas a coerção das pulsões, mas que se pode alcançar alguma parcela de prazer, que o sujeito pode encontrar uma forma de tornar o meio coercivo em algo prazeroso, que pode haver no sacrifício o encontro do prazer. Freud (1927/1996, p.23) traz que:

Um tipo diferente de satisfação é concedido aos participantes de uma unidade cultural pela arte, embora, via de regra, ela permaneça inacessível às massas, que se acham empenhadas num trabalho exaustivo, além de não terem desfrutado de qualquer educação pessoal... (FREUD, 1927/1996, p.23).

Assim sendo, as massas que estão submetidas a uma atividade fatigante obtêm alguma forma de satisfação de suas pulsões? Mezan (2002, p.357, 358) apresenta que para o sujeito que ingressa dentro de alguma civilização satisfazer suas necessidades pulsionais, o mesmo tem a sua disposição três vias: a coerção, a sublimação e a satisfação direta; pois se dentro da cultura não houvesse qualquer tipo de recompensa, a mesma iria se desfazer e não mais existiria.

Acredita-se então que a sociedade surgiu e tem sua base em um grande “acordo” inconsciente que se baseia na coerção das pulsões, numa forma de nem tudo vir a ser permitido, para que assim haja cooperação e coesão nas relações sociais. Esse “acordo” vem então agindo como um grande e tirânico superego que acaba sendo repressor com as pulsões sexuais do indivíduo, obrigando-o a renunciar ao próprio prazer. Dessa forma o sujeito veio a criar mecanismos para burlar esse “acordo” e encontrar prazer, mesmo que parcialmente (FREUD, 1913[1912-13]/1996).

A partir dessa linha de pensamento, o presente estudo tenciona analisar por onde transita a libido dentro da cultura, explorando os conceitos psicanalíticos necessários para apreender a pesquisa a partir de leituras de base freudiana e outros pensadores dessa mesma linha.

A relevância desse estudo, reside na crença de que quando se ocupa em pensar acerca do ser humano é primordial que se contextualize o mesmo em seu meio cultural, pois como ressalta Mezan (2002), não existe ser humano que não esteja em sociedade, que não dependa do outro em alguma circunstância. Assim sendo, conclui-se que o ser humano se constitui como sujeito pois lida com o outro e desenvolve relações no ambiente em que vive.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender por onde transita a libido do sujeito em meio a cultura, por meio de uma revisão sistemática de literatura.

2.2 Objetivos específicos

- Aprender como se dá a satisfação da libido em meio a cultura, de acordo com os textos encontrados na busca de dados;
- Analisar como os textos encontrados durante a busca de dados apresentam a influência da cultura na constituição psíquica do sujeito.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A cultura e a constituição psíquica

A aurora da vida é marca indiscutível na teorização da obra freudiana, diversas vezes, Freud traz inúmeras referências aos primeiros anos de vida de seus pacientes e a importância de tal para a constituição psíquica (ZAVARONI et al. 2007). Rocha (2010), salienta que desde antes do nascimento, o bebê não se encontra só, sempre está entre vários; vários no sentido de “múltiplos, diversos, mutáveis”, compondo-se sempre em grupos, organizações, moldando o psíquico de modo singular, singularidade esta que atua dentro de um grupo e para um grupo. A autora esclarece que desde que o bebê é concebido, há dentro da família um grupo que o deseja, imagina e está estimulando-o durante toda a gestação.

A criança, ao nascer, está aguardando um grupo, na expectativa das múltiplas sonoridades, inscrições sonoras registradas ainda durante a vida intrauterina. O sentido tátil e auditivo está maduro antes de o bebê nascer, ele registra as vozes do meio ambiente e os sons do corpo materno; as batidas do coração, a própria voz da mãe. Essa variedade e diversidade sonora, já presente nos traços mnêmicos do bebê, além dos registros das sensações táteis, vai fazer parte da sua experiência ao vir ao mundo. Ouvi-las, senti-las ao nascer avivará as inscrições e assim o bebê vai reencontrá-las neste novo ambiente, com algumas modificações, todavia reconhecíveis. Assim se daria continuidade da sua existência. Observando nas salas de parto, percebemos que ao ser colocado no peito da mãe, o bebê reencontra essas sonoridades e fica plácido. Muito devagar começa a procurar a fonte sonora tentando focalizar e agrupar-se com o olhar (ROCHA, 2010, p.168).

Partindo do pressuposto de que mesmo durante a gestação o bebê já se encontra de forma fantasiosa no meio social de sua família, percebe-se que o outro já é peça atuante desde antes de o bebê sair do ventre de sua mãe. Rocha (2010), elabora que em resposta ao desejo dos outros para com o recém-nascido, o bebê desenvolve inconscientemente relacionamentos equivalentes com cada membro do grupo. Com o passar do tempo a criança passa a estabelecer

inconscientemente os mesmos modos de relação grupal daqueles que o rodeiam, formando assim o seu “ego grupal”³, que será responsável no futuro para a formação de novos grupos.

À luz de tais elaborações, compreende-se que a formação psíquica passa diretamente pelo desejo e pela relação com o outro desde cedo na vida de cada indivíduo. Guimarães e Celes (2007, p.345), ressaltam que “dessa forma, a possibilidade de conceber o psíquico está inexoravelmente atrelada à questão do outro, do grupo ou da cultura. Dessa forma, a psicanálise, como Freud a concebeu, posiciona necessariamente o sujeito na cultura”.

Durante o ensaio “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921/1996), no capítulo VII, Freud desenvolveu uma problemática voltada à identificação da criança com os demais membros do grupo familiar, exaltando que este mecanismo (identificação) é o responsável por todo e qualquer vínculo com outra pessoa, por mais distante que o outro possa vir a ser. Portanto, elucida-se que para Freud este é um dos mecanismos que auxiliam a criança a constituir seu psiquismo. Roudinesco e Plon (1944/1998 p.363) definem identificação como:

Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam (ROUDINESCO; PLON, 1994/1998 p.363).

A partir da elaboração do conceito de identificação, dá-se luz a atitude de Freud (1922/1996) de rejeitar a divisão entre uma psicologia individual e outra de grupo, pois como assinala Guimarães e Celes (2007, p.345), “seja como um modelo, um objeto ou um inimigo” o outro está sempre presente na constituição psíquica do indivíduo, a todo momento o mesmo oferece sustentação para o desenvolvimento subjetivo do homem. Ainda partindo do pressuposto de que o outro é necessário para que o indivíduo venha a constituir seu psiquismo, Guimarães e Celes (2007, p.343), ressaltam que “pode-se dizer que a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização”. Dessa forma compreende-se a ambivalência do psiquismo, sendo ao mesmo tempo individual e universal, tornando clara a importância do estudo da cultura para a compreensão da constituição desse psiquismo.

³ Rocha (2010) utiliza a definição de “ego grupal” desenvolvida por Sônia Salmeron (1996) em seu trabalho para salientar como o indivíduo está ligado aos outros desde cedo em sua vida. Devido a não encontrar trabalhos com o conceito de ego grupal traduzidos para o português, optou-se por não se aprofundar neste conceito.

De acordo com Mezan (2002, p.319), quando se utiliza da psicanálise para analisar a cultura e eventos que circulam fora do ambiente familiar ou clínico, a mesma “é capaz de ler, nas maiúsculas da cultura, coisas que podem ter validade também nas minúsculas da vida psíquica individual”, salientando assim que utilizar a psicanálise como método de análise de eventos culturais, pode ser relevante para compreender de forma mais ampla a constituição psíquica do ser individual.

Para embasar o argumento de que o estudo da cultura é favorável para a compreensão do individual, Mezan (2002, p.325) elabora que é necessário compreender como a criança assimila as normas, práticas e costumes que a cultura lhe oferece enquanto ela se constitui, e que também é necessário analisar como isso está sendo elaborado para a formação de sua subjetividade. Para tal, o autor traz dois aspectos principais, elaborando que todo indivíduo é composto por atributos universais e outros atributos que variam de época e local, isto é, individuais. De forma universal, Mezan (2002, p.325), acredita ser necessário compreender “de que maneira a sociedade – *qualquer*⁴ sociedade – co-determina o que vai acontecer com os membros que nela se socializam”; e de forma mais particular os aspectos sócio-históricos que auxiliam de forma subjetiva na composição social de cada cultura.

Guimarães e Celes (2007), enfatizam que o sujeito se molda a partir daquele com quem se identifica e internaliza; e o movimento de internalização decisivo para a constituição psíquica do indivíduo é quando o mesmo vem a internalizar o superego. Roudinesco e Plon (1944/1998, p.744, 745) trazem de forma histórica como Freud desenvolveu o conceito de superego⁵ em sua obra.

Num primeiro tempo, o superego é representado pela autoridade parental que dá ritmo à evolução infantil, alternando as provas de amor com as punições, geradoras de angústia. Num segundo tempo, quando a criança renuncia à satisfação edipiana, as proibições externas são internalizadas. Esse é o momento em que o superego vem substituir a instância parental por intermédio de uma identificação [...] (ROUDINESCO; PLON, 1944/1998, p.744, 745).

Sendo assim, compreende-se então que inversamente ao presumido pelas conclusões individualistas da sociedade, a constituição psíquica do sujeito está a todo tempo unida com questões grupais e culturais. E como Guimarães e Celes (2007, p.345) concluem:

⁴ O autor busca dar ênfase de que toda sociedade de alguma forma influencia e determina até certo ponto o que pode vir a acontecer na vida do sujeito; isso quer dizer, cada sociedade tem o que oferecer de sua forma singular, mas todas têm pontos em comum que vem a oferecer para a constituição psíquica do sujeito.

⁵ Roudinesco e Plon (1944/1998, p.744) explicam que no Brasil usa-se a denominação superego.

A psicanálise, como Freud a concebeu, posiciona necessariamente o sujeito na cultura. Nesse sentido, a metapsicologia, isso é, a teoria psicanalítica, em seu sentido mais rigoroso, constitui-se, desde seu lugar mais singular de investigação do psiquismo – o tratamento psicanalítico propriamente dito –, como uma compreensão do homem na cultura. O psiquismo, por definição psicanalítica, constitui-se na relação com o outro, este último sempre culturalmente determinado ou representante da cultura. O que significa dizer que Freud pensa a cultura, a sociedade e a civilização numa perspectiva psicanalítica e não sociológica ou antropológica (GUIMARÃES; CELES, 2007, p.345).

A partir de tais especulações, conclui-se que a identificação é um mecanismo primordial para a constituição psíquica do ser humano, e o ser identifica-se com o outro, que é representante direto de sua cultura – internamente subjetivada –, logo, compreender a cultura numa perspectiva psicanalítica se torna complementar para uma compreensão mais ampla da constituição psíquica do sujeito.

3.2 As pulsões e suas vias na cultura

Danziato (2010), mostra que o conflito entre sujeito e a interpretação do externo está presente em toda a obra freudiana, sendo melhor explorado nas contribuições que discorrem acerca do princípio do prazer e sobre o princípio da realidade. Em sua obra “Além do princípio do prazer”, Freud (1920[22]/1996) destaca que o psiquismo humano não é totalmente dominado pelo princípio do prazer⁶, isso é, não se vive em torno unicamente da busca pelo prazer, entretanto há uma forte tendência por essa busca e pela satisfação das necessidades humanas. O que torna possível elaborar o desprazer é chamado de princípio da realidade⁷, que é uma internalização feita pelo sujeito, de que o prazer nem sempre poderá ser obtido, mas o que pode ser alcançado é a ausência de tensão, desprazer.

Quando se dá a entrada ao meio social, o indivíduo necessita que haja uma diminuição da busca pelo prazer. Freud (1920[22]/1996), corrobora com este pensamento quando analisa o famoso caso conhecido como “*Fort-da!*”, no qual uma criança elabora de forma simbólica a saída e a volta da mãe do seu trabalho com um carretel amarrado a uma linha. A criança

⁶ Conceito que o autor traz, onde o mesmo elabora que o psiquismo está o tempo todo em busca de obter prazer, de se satisfazer.

⁷ Conceito elaborado por Freud para completar “O Princípio do Prazer”, neste o autor acredita que ao se encontrar com a realidade, o psiquismo pode vir a obter prazer pela falta de tensão no meio em que o mesmo está; dessa forma, o psiquismo passa a buscar este equilíbrio ao invés de buscar unicamente o prazer.

arremessava o carretel emitindo um “ô ô ô” prolongado, que de certa forma lembrava a palavra alemã “*Fort*”, (não tendo uma tradução literal, “*fort*” tem um sentido de afastado, ausente, fora) fazendo com que o carretel sumisse entre as roupas de cama, e quando a criança o puxava de volta, emitia um feliz “*Da!*”, (não tendo uma tradução literal, “*da!*” tem um sentido de ali, aqui). Freud compreendeu que para a criança essa brincadeira se dava como a “realização cultural”, pois auxiliava a criança a internalizar que nem sempre poderia obter prazer; a brincadeira representava assim a saída da mãe, que causava o desprazer, e a sua volta, que mais uma vez traria prazer a essa criança. Freud conclui sua análise do jogo da criança ao elaborar:

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. É naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa (FREUD 1920[22]/1996, p.25).

Contudo, de onde vem a necessidade do prazer? Freud (1905/1996, p.159) apresenta que a pulsão “é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico”, que ela tem como função aliar uma necessidade física a uma atividade psíquica que possa trazer prazer. Sendo assim, a teoria do princípio do prazer⁸ é complementada pela teoria das pulsões, na qual Freud demonstra que a busca pelo prazer que se dá através do psiquismo é uma forma de alívio da tensão corporal. Gomes (2001, p.252) completa ao elaborar:

É bem sabido que há, na obra de Freud, duas teorias sobre as pulsões. Um dos pontos importantes de nossa análise será o de mostrar que cada uma dessas teorias utiliza um conceito diferente de pulsão. O que muda não é apenas a concepção sobre quais são as pulsões fundamentais (pulsões sexuais e de autopreservação, na primeira teoria, e pulsões de vida e de morte, na segunda). Também se altera a própria concepção do que é uma pulsão. Na primeira teoria, a pulsão se define em função de quatro outros conceitos (fonte, alvo, objeto e pressão), que, como veremos, não se aplicam ao conceito da segunda teoria. O mesmo termo designa, em cada teoria, um objeto conceitual distinto. Outro ponto importante é que a segunda teoria não substitui inteiramente a primeira, mas a engloba, com algumas alterações (GOMES, 2001, p.252).

Freud (1901[1905]/1996), desenvolve sua primeira teoria das pulsões, a qual engloba as pulsões sexuais e as de autopreservação. Nesta ele utiliza de mais quatro conceitos: “fonte,

⁸ Teoria criada por Freud onde toda ação do sujeito busca o prazer inconscientemente; a mesma está intrinsecamente ligada ao princípio da realidade.

alvo, objeto e pressão”, que descrevem aspectos importantes sobre a origem, objeto, energia e satisfação das pulsões. A segunda tópica sobre as pulsões, elaborada por Freud (1915/1996) em seu trabalho “Os instintos e suas vicissitudes” traz conceitos que não anulam a primeira, mas a complementam. Sendo assim, é visto que durante a construção da teoria psicanalítica, existiram diversas elaborações que ao longo dos anos, se relacionam em caráter de complementaridade, abrangendo de forma mais clara e completa, a constituição psíquica do sujeito e a sua relação a cultura. Gomes (2001, p.252-253) conclui:

Na sua última formulação, as pulsões de autoconservação figuram, ao lado das pulsões sexuais, dentro do grupo das pulsões de vida [...] Considerar tanto a sexualidade quanto a busca da autoconservação como pulsões não significa uniformizá-las ou equipará-las. Freud as diferencia, assinalando que a ligação das pulsões de autoconservação aos objetos externos, e portanto, ao princípio da realidade, é muito mais forte, ficando as pulsões sexuais, devido ao seu longo e complexo desenvolvimento, muito mais sujeitas ao puro princípio do prazer e ao registro da fantasia (GOMES, 2001, p.252-253).

Sendo assim, a segunda formulação teórica das pulsões feita por Freud, divide de forma mais clara as pulsões em pulsões de vida (que englobam as pulsões sexuais e pulsões do eu) e as pulsões de morte; o ponto que as une é a necessidade de parte delas ser negada quando o sujeito está no meio social (FREUD, 1922/1996). Dessa forma, faz-se compreender a formulação apresentada pelo autor em “Os instintos⁹ e suas vicissitudes” (1915/1996), quando ele questiona a busca por conceitos fixos e inflexíveis durante a criação de qualquer ciência, salientando que a busca pelo conhecimento e o estudo acerca do tema, é que adiciona características a cada conceito e molda-o de forma flexível. Sendo assim, compreende-se como as formulações psicanalíticas criadas por Freud vão evoluindo durante toda a sua obra, sem estarem totalmente fechadas ou impedidas de compreender outros aspectos do psiquismo.

A partir da evolução da teoria psicanalítica e de seus conceitos principais, surgem diversos questionamentos; um deles se refere ao estudo da cultura e da forma como as pulsões de vida se apresentam dentro desta, deixando a seguinte questão: as pulsões estariam destinadas eternamente a coerção? Mezan (2002, p.356), compreende que Freud (1927/1996) estava correto ao defender que “a cultura repousa sobre a coerção das pulsões”, essa coerção é elaborada de forma a impedir o sujeito de fazer tudo aquilo que tenha vontade, para impedir que tais atos prejudiquem o outro; por conseguinte o autor elabora três vias pelas quais as pulsões podem satisfazer-se dentro da cultura, sendo que:

⁹ De acordo com Roudinesco e Plon em seu trabalho Dicionário de Psicanálise (1944[1998] p.384), no verbete “Instinto”, o termo também pode se referir a pulsão.

Uma parte das pulsões tem de ser satisfeita diretamente. Outra parte vai ser reprimida e com isso investir as representações inconscientes [...] uma terceira parte é ou pode ser sublimada [...] no pensamento de Freud, a ideia de sublimação serve visivelmente para designar um destino pulsional, que separa a pulsão de seu objeto, mas ao mesmo tempo não a separa do seu alvo ou da sua finalidade, que é a satisfação (MEZAN, 2002, p.357).

A partir de tais elaborações, o presente trabalho pretende analisar, a partir de artigos contemporâneos, a contemporaneidade das elaborações freudianas a respeito das possíveis vias de apresentação das pulsões no meio social.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

O presente estudo constituiu-se como uma revisão sistemática de literatura, que visa compreender como o sujeito constitui seu psiquismo dentro da cultura e averiguar como a libido se apresenta no meio social. O estudo visa obter compreensão teórica e sintetização de conhecimento, percebendo a necessidade de aprimorar o conhecimento acerca da relação do sujeito com a cultura para melhor compreensão do mesmo.

Como apresentam Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2010), uma revisão sistemática de literatura é um método rigoroso, que visa revisar sistematicamente estudos sobre o tema em questão, aplicando e descrevendo minuciosamente os métodos estruturados e utilizados para sintetizar parte do conhecimento e embasar novas propostas de atuação e pesquisa.

Desta forma, entende-se que uma revisão sistemática de literatura representa uma metodologia ideal para a formulação do presente estudo, visto que pretendeu-se compreender conceitos e trabalhá-los dentro do que já se tem publicado acerca do tema.

4.2 Estratégia de busca de referências

Para alcançar a proposta deste trabalho foi definido que seria importante durante a revisão sistemática utilizar-se de textos base psicanalítica, tendo como foco os textos desenvolvidos por Freud em sua análise sobre a cultura, a constituição psíquica, e o destino da libido. Navegou-se pelos conceitos de cultura e libido em sua origem nos textos psicanalíticos de base; e para complementá-los utilizou-se de livros de alguns autores contemporâneos que também implementaram uma busca teórica acerca de tais temas.

Foram utilizados os descritores psicanálise ou libido¹⁰ e cultura na base de dados eletrônica Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), devido a sua praticidade e segurança, além da mesma conter estudos de diversas revistas e um vasto material para busca.

Para se chegar nos termos em questão foi analisado o que se relacionava melhor com o objetivo do presente estudo; logo após buscou-se na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) os descritores que melhor se relacionavam com o termo psicanalítico pulsão, pois esse termo não se encontrava entre os descritores válidos. Depois de uma busca exaustiva encontrou-se que o termo libido é similar ao termo pulsão dentro dos descritores em ciências da saúde (DeCS).

4.3 Procedimentos de seleção e avaliação das referências

O tipo de estudo foi usado como critério desta revisão sistemática; foram selecionados apenas artigos, ou seja, foram descartados livros, dissertações, resenhas, entre outros. Inicialmente foi feita uma busca na base de dados LILACS, no dia 25 de agosto de 2017, com os descritores: psicanálise ou libido e cultura; o resultado foram 480 estudos encontrados.

Um dos critérios considerados foi o idioma e a possibilidade de encontrar estes artigos na íntegra, o idioma utilizado foi o português. Encontraram-se disponíveis 197 produções. Dentre estes, cinco teses, duas dissertações e um resumo de dissertação. Realizou-se a leitura dos resumos dos 189 artigos restantes, onde 140 apenas tinham relação com algum descritor, porém não se relacionavam diretamente com o tema. Dos 49 artigos restantes, sete falavam acerca do mal-estar na sociedade, elaborando que a cultura criava um cenário que deixava o sujeito num constante mal-estar, porém não davam enfoque a libido do sujeito e seu aparecimento no meio social. 29 artigos tinham alguma pequena relação com o tema, porém não chegavam exatamente a responder o questionamento central deste trabalho. Desse modo, constituíram o *corpus* de pesquisa desse estudo 13 artigos, que contemplaram o horizonte temporal de 14 anos (2002 a 2016).

10 Foi escolhido o termo libido ao invés do termo pulsão como descritor, pois de acordo com a BVS, tem-se libido como “Impulso ou energia associado com o instinto sexual no sentido amplo (busca do prazer e do objeto de amor). Pode também ter a conotação de energia psíquica associada com os instintos em geral, que motivam o comportamento. “; não encontrando na mesma uma definição para o termo pulsão; porém, percebe-se que a definição de pulsão em psicanálise encontra-se em similaridade ao termo libido da BVS.

4.4 *Corpus da pesquisa*

A busca eletrônica viabilizou encontrar diversos artigos, com a leitura exaustiva dos mesmos, chegou-se a marca final de 13 artigos que transitavam pelo tema proposto pelo trabalho, além de abrir o leque para outros questionamentos. Os artigos que compuseram a amostra estão descritos a seguir:

1. A civilização do mal-estar pela não-felicidade;
2. As falácias da eliminação do sofrimento e seus efeitos subjetivos;
3. Considerações teóricas sobre a psicanálise freudiana: da metapsicologia aos textos sociais*;¹¹
4. Cultura e desejo: a Construção da identidade adicta no Cenário Contemporâneo;
5. Desamparo Primordial em Nietzsche e em Freud;
6. Entre a sujeição e o domínio, vibra a posição sujeito: reverberações éticas de uma concepção do sujeito como lugar enunciativo;
7. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do *socius* na psicanálise freudiana;
8. O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura;
9. O pai da horda e o supereu: de um prenúncio da instância;
10. O papel da diferença na construção da identidade¹;
11. O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud;
12. Sobre leis, narciso e seus clamores;
13. Sobre o uso da Sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”.

¹¹ Os títulos dos textos foram escritos como em suas respectivas revistas, obedecendo a sinais, aspas, notas de rodapé, e demais alterações que já tinham.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Uma reflexão sobre a constituição do psiquismo

Pensar o sujeito e sua constituição desligando-o de sua sociedade é algo complexo (RICKES, 2007). Para se deslocar disso, Guimarães e Celes (2007), fazem uma revisão da teoria freudiana, e de como ele construiu seu pensamento acerca do sujeito e da cultura, buscando evidenciar a sua constante preocupação com a gênese da sociedade e do processo grupal. Para tal, os autores elaboram que o conceito de identificação é algo que “aparece como uma categoria central e revela-se como um movimento decisivo no processo de socialização do homem” (p.341).

Teixeira e Moreira (2013, p.189), citam que “a relação ela/outro é um acontecimento radicalmente humano, é uma experiência antropológica que se manifesta nas diferentes formas simbólicas da cultura” mostrando que indiferentemente da época, o ser humano se faz frente ao outro e com suas relações sociais. Para salientar essa necessidade do outro para a sua própria formação, Teixeira e Moreira (2013, p.191), assim como Guimarães e Celes (2007, p.342) trazem que nas diferentes modalidades de relação com o outro, existe uma que é mais “enigmática”, que acontece no inconsciente e auxilia o sujeito na constituição de sua subjetividade.

Percebe-se então que o conceito de alteridade, no qual “o diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade” (TEIXEIRA; MOREIRA, 2013, p.190) contribui para o início do processo de identificação, que para Guimarães e Celes (2007, p.343) é o “procedimento pelo qual o sujeito se constitui e modifica-se pela assimilação de traços ou atributos das pessoas com as quais se relaciona”. Assimilando o conceito de identificação, pode-se compreender de forma mais adequada a sentença “não é possível ter acesso à individualidade se não for pelo olhar de nosso semelhante” (CAMARGOS *et al.* 2009, p.165), salientando que é por meio do outro que o Eu vem a se constituir. Rickes (2007) elucida que o uso do termo “constituição” aliado ao termo “sujeito” é essencial, pois dessa forma pensa-se em algo que se monta, pode mudar, e continuar se montando ao decorrer de toda vida (p.16).

Falando acerca das diferentes formas de se relacionar com os outros, Guimarães e Celes (2007, p.342) explicam que Freud cogitou na existência de um instinto social, mas que o autor se desfez de tal possibilidade ao construir um pensamento acerca de que as “relações amorosas, os laços emocionais constituem a essência da mente grupal”. Para solidificar a ideia de que a identificação é necessária ao sujeito para sua constituição e sua entrada dentro da sociedade, os autores postulam acerca de três diferentes tipos de identificação: a identificação primária, que acontece na infância, tempo em que a criança se identifica com um de seus progenitores, essa identificação é edificante para sua personalidade. A segunda forma de identificação ocorre na neurose, e pode vir como um sintoma, os autores colocam que esse tipo de identificação ocorre devido a uma falha na obtenção do objeto de prazer; essa impossibilidade do encontro com este objeto regride então para a identificação com ele. O terceiro tipo pode ocorrer em grupos quando um dos indivíduos desenvolve algum sintoma, e logo após outros membros do grupo o seguem neste “adoecimento”. A interpretação por trás desta “infecção” grupal advém da compreensão de que aqueles que desenvolveram o sintoma posteriormente queriam estar na mesma situação daquele que o desenvolveu primeiro.

Guimarães e Celes (2007, p.343), elaboram que

Nesse sentido, pode-se dizer que a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização (GUIMARÃES; CELES, 2007, p.343).

Teixeira e Moreira (2013, p.198, 199) ao fim de seu trabalho chegam a conclusão de que “O outro não lhe é agradável, porém é imprescindível” e que “o vínculo ao outro é estrutural e estruturante para o sujeito; matar o outro é cometer suicídio”, mostrando que parece ser necessário haver a entrada do outro na vida psíquica do sujeito, mesmo que isso nem sempre seja algo agradável. Guimarães e Celes (2007) chegam a uma conclusão semelhante, mostrando que o outro é necessário para a constituição psíquica do indivíduo, sendo assim o outro (como representante de sua cultura) parece ser um dos pilares para que o indivíduo se constitua. Para embasar tal conclusão:

O psiquismo, por definição psicanalítica, constitui-se na relação com o outro, este último sempre culturalmente determinado ou representante da cultura. Então, também impõe-se pensar que as considerações psicanalíticas a respeito da cultura no psiquismo se oferecem na forma da metapsicologia, isso é, dos conceitos e elaborações metapsicológicas. O que significa dizer que Freud pensa a cultura, a sociedade e a civilização numa perspectiva psicanalítica e não sociológica ou antropológica (GUIMARÃES; CELES, 2007, p.345)

Vê-se então que a psicanálise traz a sua contribuição não apenas para a compreensão do indivíduo, mas serve como uma lente para compreender a constituição da cultura e sua influência na vida psíquica do sujeito. Dessa forma, compreende-se que identificação com a figura paterna, ou alguma outra figura, gera um caráter de interdição na vida do sujeito, introduzindo-o na cultura, “ao renunciar à satisfação de seus desejos edípicos, a criança interioriza a interdição exterior” (LIMA; SOUZA, 2016, p.425).

5.2 A cultura contemporânea e a ausência de referências

Ferrari (2006), discorre acerca do conceito de identidade, como este se forma, e algumas mudanças recentes que introduziram novas formas de subjetivação no cenário contemporâneo. A autora ressalta que “até bem pouco tempo atrás” o processo de construção de subjetividade perpassava principalmente pela família e parentes mais próximos, porém nos dias atuais “os grupos, indivíduos e bens de consumo” estão mais diretamente envolvidos na formação do psiquismo do sujeito (p.2).

Ao refletir acerca da busca do sujeito por referências identificatórias no meio cultural contemporâneo, Giacobone e Macedo (2007, p.63) se preocupam com “quem” a criança pode vir a se identificar, pensando neste sentido as autoras elaboram que “o vazio no processo identificatório produz condutas performáticas”, e que:

Frente a uma sociedade permissiva e negligente com a implementação e o valor de limites e fronteiras, que deixa vazio o lugar no qual a função de corte deveria advir, surgem condições para que, por exemplo, a figura do um traficante passe a ocupar o espaço destinado à função paterna (GIACOBONE; MACEDO, 2007, p.63).

Sendo assim, vê-se que pensar acerca da constituição psíquica também é pensar acerca da família e de como a criança se constitui, o que a mesma tem a seu dispor para se constituir, podendo internalizar o outro e mantê-lo como algo para se identificar. (FERRARI, 2006, p.3) ao construir o conceito de identidade baseado no conceito psicanalítico de identificação, cita que “identificar-se também significa tornar-se igual ao outro. Igualdade e diferença acontecendo ao mesmo tempo”, mostrando que a partir do outro e da busca por se tornar igual, o sujeito constrói sua própria identidade. Partindo desse pressuposto, é possível compreender a preocupação de Giacobone e Macedo (2007, p.64 *apud* MELMAN 2003, p.36), ao apontar “que

vivemos na era da ausência de referências”. Dessa forma, pode-se questionar: se é por meio do outro que o psiquismo se constitui, como ele irá se constituir se o outro está ausente?

Ao criar uma ponte entre psicanálise e psicologia social, Ferrari cita Crochik (1997), para falar de forma mais profunda acerca de como o psiquismo se forma, sendo de “elementos visíveis e invisíveis, constantes e imprevisíveis, sociais e individuais, manifestos e ocultos, universais e particulares, permanentes e em mutação” (FERRARI, 2006, p.4, *apud* CROCHIK, 1997, p.57).

Ferrari (2006), responde à pergunta sobre as ausências de referências ao citar que:

A facilidade de comunicações com as mais diversas partes do planeta de forma quase que instantânea são elementos de contágio destas redes formadas por coletivos, grupos e instituições que acabam por afetar em muito a formação daquilo que somos e pensamos coletivamente (FERRARI, 2006, p.4)

Assim sendo, compreende-se que devido a facilidade de conhecer outras realidades, a construção do psiquismo pode se tornar algo mais amplo que toma outras realidades emprestadas para se formar. Giacobone e Macedo (2007, p.68) contribuem com essa forma de pensamento ao elaborar que “Na adolescência, como dissemos, a dimensão da cultura insere-se de forma mais intensa, sendo que, neste momento, existe a possibilidade de o sujeito identificar-se com objetos outros além dos endogâmicos, na tentativa de dar sentido ao seu desejo”; mostrando que na ausência de referências com as quais possa se identificar dentro de sua família, o sujeito “vai” atrás de objetos que estão além desse meio.

Conclui-se então que os caminhos por trás da constituição psíquica podem ser mais tortuosos do que se pensava, e como cita Giacobone e Macedo (2013), é importante pensar acerca do sujeito que busca a drogadição, pois este não mostra apenas um mundo caótico que quebra um pouco as regras sociais; mas mostra que há ali uma escassez psíquica de mecanismos para negociar com a realidade. “Na pobreza de instrumentos próprios adere a um “recurso” que, ao mesmo tempo em que pode remediar seu sofrimento o envenena até a morte” (p.69).

5.3 As pulsões de vida na contemporaneidade

Refletir sobre a questão cultural foi uma das formas de construir a teoria psicanalítica, Giacobone e Macedo (2013, p.59) mostram que Freud postula acerca de um aparelho psíquico que se constitui a partir de um “impedimento cultural que veio barrar um desejo intenso, mas

culturalmente proibido”; isto é, um aparelho psíquico que coloca em algum momento, o sujeito em contraste com o seu meio cultural.

Teixeira e Moreira (2013, p.194) citam que

...em Totem e tabu, Freud (1976d) ergue o tabu do incesto como pedra angular da sociedade, constituindo esse temor e seu derivado (a exogamia) marcos da passagem do estado de natureza ao de cultura, ou seja, do ingresso do homem anárquico na ordem social. Como estado de natureza se especula, por uma operação lógica e não cronológica, o momento primeiro marcado pela permissividade total, momento de caos primordial em que não se pode falar de *socius*, já que não há leis de ordenamento que possibilitem relações sociais estabilizadas e simbolizadas (TEIXEIRA; MOREIRA, 2013, p.194).

Dessa forma, compreende-se que a partir de um ato¹² que trouxe o impedimento a algumas coisas; a cultura se ergueu, e o ser humano saiu de sua “raiz” animalesca para a criação de uma sociedade onde poderiam existir de forma “coesa”, isto é, se constituir como ser pensante e social (LIMA E SOUZA, 2016). Teixeira (2002, p.196) explica de forma sucinta essa criação da sociedade ao elaborar “O que leva à cultura, portanto, é o confronto entre a onipotência do chefe e a impotência dos súditos e, posteriormente, o estabelecimento da Lei primeira: ninguém mais pode tudo, somente a partir das leis, agora fundamentais, é que os sujeitos podem se situar”. Visto isso, que “ninguém mais pode tudo”, ergue-se a questão acerca de como o sujeito lida com suas vontades em meio a sociedade agora que já nem tudo é possível.

Teixeira e Moreira (2013) elaboram que o ritual de entrada na cultura é a perda, isto é, ao emergir dentro de qualquer cultura, o sujeito passa a ter que deixar de fazer algumas coisas, até mesmo de querer algumas coisas, fazendo com que a obtenção de prazer se torne mais difícil. Lima e Souza (2016, p.420, 422) completam ao falar que a culpa é uma das forças motrizes por trás deste impedimento, e que é por meio desta que o ser humano se mantém dentro de suas leis, constitui seu código moral e se mantém na cultura. Dessa forma, percebe-se que o mesmo ritual que fundou a cultura, vem a introduzir o sujeito no meio social. Como cita Teixeira (2002, p.196) “é um mesmo ato que funda o sujeito e a cultura”.

De acordo com Carneiro e Pinheiro (2009) *apud* Quinet (2006), o marco que introduz o sujeito na cultura exige uma forte renúncia pulsional, o que resulta numa perda drástica na possibilidade de obter prazer. Por conseguinte, conclui-se que o “mal-estar é condição intrínseca de nossa condição” (CARNEIRO; PINHEIRO, 2009, p.246 *apud* MELMAN, 2003).

¹² O mito fundador da sociedade, elaborado por Freud em 1913, no seu trabalho Totem e Tabu.

Se anteriormente à cultura, o sujeito tinha a possibilidade de obter prazer desenfreadamente, o que ainda o mantém atrelado a esta? Teixeira e Moreira (2013, p.198), formulam que “a cultura é fruto de Eros, do desejo de coesão, de união, de ligação, de constituir unidades cada vez maiores”, porém Giacobone e Macedo (2013, p.59) trazem que “O sujeito é virtualmente inimigo da cultura, uma vez que esta viria para barrar seu desejo”, e para fomentar este pensamento, Martins e Carneiro (2009, p.612), sustentam que as relações sociais são as formas mais intrincadas de causar sofrimento psíquico. A partir de tais premissas, se torna relevante pensar sobre o que mantém o sujeito na cultura, assim como também é pertinente questionar como é a obtenção de prazer do sujeito dentro desta.

Como descrevem Carneiro e Pinheiro (2009, p.248) assim como Filho (2009, p.184) a busca pela felicidade, a constante demanda para obter prazer é intrínseca ao ser humano, porém, esta exigência seria irrealizável, pois ao estar imerso na cultura, o homem acabaria tendo que renunciar suas pulsões, ou pelo contrário, o homem poderia não medir esforços para alcançar o prazer. Sendo assim Carneiro e Pinheiro utilizam de Freud (1930/1980. p.103):

Freud aponta que a empresa de nos tornarmos felizes como raça humana a qual o princípio do prazer nos impõe, jamais poderia ser realizada, contudo o homem não pouparia esforços para atingir seu objetivo. Para Freud, a felicidade neste sentido constitui um problema para a economia pulsional do sujeito: “... não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (CARNEIRO; PINHEIRO, 2009, p.248, *apud* FREUD, 1930/1980. p.103).

A vista disso, vê-se que o sujeito deve criar mecanismos para negociar com a realidade para alcançar o prazer mesmo em sociedade. Lima e Souza (2016, p.421), deixam claro que a realidade cultural faz com que o ser humano tenha que renunciar as suas pulsões; porém, Soares e Coelho (2014, p.595) colocam que devido a constituição psíquica do ser humano estar ligada a constituição da cultura, há um mecanismo que permite a ele obter um pouco de prazer dentro das exigências culturais. Esse mecanismo é chamado de sublimação, e por meio dele existe “uma satisfação que se dará pela via indireta do trabalho na própria cultura”. No entanto, Giacobone e Macedo (2013, p.59) articulam que “A pulsão traz a urgência de descarregar energia (excitação) através da realização do desejo”, dessa forma, pode-se questionar o quanto é satisfatório este mecanismo chamado sublimação.

Próchno e Lemos (2006, p.226), exaltam que com a edificação do psiquismo, o princípio do prazer passa a ser “protegido” pelo princípio da realidade, levando o sujeito a criar o mecanismo de sublimação para limitar as suas pulsões, e dessa forma, também obter prazer.

Essa tentativa de atar a constituição do psiquismo e sua busca pelo prazer a cultura se torna relevante pois como Giacobone e Macedo (2013, p.62) formulam, não há maneira de pensar o inconsciente desmembrado dos conteúdos culturais de cada sujeito. Ademais, Camargos *et al.* (2009, p.163) concluem que Freud sugeriu que a civilização causa um certo mal-estar no sujeito, contudo, a civilização não deixa de ser necessária, pois o outro é parte vigente da constituição do eu, assim como é parte elementar no desejo deste.

Ainda pensando acerca das possíveis saídas das pulsões, Próchno e Lemos (2006, p.228) salientam “os possíveis destinos do instinto (ou pulsão), quais sejam: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, repressão e sublimação”. Neste trabalho, não abordaremos a questão onde a pulsão se volta em “direção ao próprio eu”, pois como coloca Próchno e Lemos (2008), nestes casos, o instinto se torna uma pulsão de morte, e este conceito foi apenas “inaugurado” por Freud, pois ao fim de sua vida, as construções teóricas sobre este ainda estavam inacabadas. Desde então as escolas que construíram conhecimento no ramo da psicanálise se viram em grande desarmonia, pois algumas delas chegaram a descartar as pulsões de morte, enquanto outras deram grande importância a esta.

Considerando que o conceito de pulsão de morte proposto por Freud encontra-se, segundo sua concepção, inacabado, e que as escolas psicanalíticas se posicionaram frente a ele de diferentes formas: umas negando e outras o enaltecendo, no presente estudo, vale ressaltar o questionamento quanto à necessidade ou não da introdução da hipótese de pulsão de morte, visto que o funcionamento psíquico poderia ser explicado sem haver a necessidade de introduzir um novo conceito (PRÓCHNO; LEMOS, 2006, p.238)

Portanto, a partir das elaborações encontradas, chega-se à conclusão de que as pulsões podem ter quatro caminhos distintos: a repressão, a sublimação, a reversão a seu oposto, e o retorno ao próprio self (PRÓCHNO; LEMOS, 2006). Entretanto, Mezan (2002, p.339 e 357) afirma que deve existir na cultura alguma forma de obtenção direta de prazer, pois se fosse ao contrário, a cultura não existiria, e dessa forma, o ser humano também teria o seu fim. A partir disso, responde-se parcialmente o questionamento deste estudo: quais as vias de saída das pulsões na cultura?

Entende-se por repressão a impossibilidade de obter prazer pelo meio pulsional. De acordo com Roudinesco e Plon (1944/1997, p.659) “em psicanálise, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma idéia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável”. Dessa forma, quando surge uma busca pulsional pelo prazer, que de certa forma

vai contra os ditames sociais, e da qual o sujeito pode se sentir desagradável, a mesma é reprimida e o sujeito não obtém prazer.

A “reversão ao seu oposto”, que também pode ser chamada “inversão da pulsão em seu contrário”, ocorre quando há uma inversão no objeto ou no conteúdo da pulsão. Freud trabalha este conceito com dois exemplos; em um deles o autor explora os opostos sadismo/masochismo, e voyeurismo/exibicionismo, onde o objeto da pulsão se inverte. O outro exemplo trabalhado se remete a inversão de conteúdo da pulsão, Freud o ilustra com a transformação do amor em ódio (ROUDINESCO; PLON, 1944/1997, p.630).

Entende-se por sublimação um mecanismo capaz de postergar a obtenção de prazer (PRÓCHNO; LEMOS 2006); o mecanismo que capacita o sujeito a “atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas” (FREUD, 1930[1929]/1996, p.118). A leitura de Soares e Coelho (2014), propõe que a sublimação se dá como o mecanismo que faz a “dessexualização da pulsão”, ou até mesmo “uma exigência da civilização ao homem que dela participa: ele deve trocar a satisfação pulsional direta, sob a qual incide uma interdição, por uma satisfação que se dará pela via indireta do trabalho na própria cultura” (p.594, 595). Assim sendo, compreende-se que a sublimação permite ao sujeito obter um pouco de prazer, porém com um certo sacrifício anterior.

Assim sendo, conclui-se que as pulsões só podem ser satisfeitas na cultura por meio da sublimação; e por meio desta conclusão compreende-se melhor a argumentação feita por Próchno e Lemos (2006, p.229-230):

Os instintos são da ordem do inconsciente, mas, ao se manifestarem, estabelecem uma relação direta com o meio ambiente, fazendo com que a escolha de seu caminho (inconsciente) seja influenciada pelos ditames sociais (pelo menos em parte), sob o risco de se verem frustrados. Se de fato assim ocorrer, não há como negligenciar a inter-relação mundo interno e externo, indivíduo e sociedade, sendo necessário explicar melhor a influência do social na estruturação do psiquismo (PRÓCHNO; LEMOS, 2006, p. 229-230)

Dessa forma, compreende-se a formulação e a importância do presente estudo, se embasando na constituição do sujeito e a influência da cultura nisto, e posteriormente, falando acerca de onde circula a pulsão do sujeito na cultura, pois assim, elucida-se que a vida interna do sujeito está intrinsecamente ligada ao seu ambiente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciou-se o presente estudo com a pretensão de compreender como as pulsões se apresentavam no meio social, de como era necessário recalcar, negar e impedir os desejos de serem satisfeitos para que houvesse coesão entre os membros de um grupo, mostrando que o agrupamento de pessoas pode causar mal-estar; porém, foi visto que antes de falar acerca do desejo do sujeito e de como este poderia ser contraditório aos ditames sociais, ser contraditório ao outro; viu-se a necessidade de falar a respeito de como o sujeito chega a ter desejos, de como ele se constitui e passa a desejar. Portanto, chegou-se à conclusão de que era necessário falar sobre o sujeito e seu meio, de como um está inerentemente ligado ao outro, e como eles se influenciavam mutuamente.

Assim sendo, refletiu-se acerca do que poderia ser inerente a qualquer ser humano, em qualquer época; chegou-se à conclusão e que, independentemente da época, o sujeito sempre esteve rodeado por outros. De alguma forma, desde a pré-história, o ser humano sempre precisou do outro para perpetuar sua existência (e neste caso, o perpetuar não se refere apenas a reprodução, mas demais situações), inicialmente, imaginou-se que o sujeito precisava de um modelo social para a caça, pesca, defesa contra as intempéries da natureza, de animais perigosos, entre outras atividades. A vista disso, chegou-se a questão: como a cultura auxilia na constituição do psiquismo?

Percebeu-se então, que a leitura freudiana a respeito da constituição psíquica colocava a identificação com o outro como parte indispensável para a formação do sujeito. Dessa forma, estabeleceu-se um dos objetivos, que é compreender essa visão psicanalítica acerca da constituição psíquica e suas nuances. Através da análise dos artigos encontrados, respondeu-se um dos objetivos do trabalho; apreendeu-se que o Outro é parte pulsante do Eu, e que é através deste, que o sujeito vem a se constituir. Percebeu-se também que a identificação (mecanismo importante na constituição psíquica) tem suas nuances, e como esperado, pode ser estruturante para o sujeito, porém, algo inusitado que foi encontrado durante a análise dos dados, foi que ao mesmo tempo que essa identificação pode ser estruturante, ela também pode trazer certo adoecimento, como foi o caso apresentado por Guimarães e Celes (2007, p.342).

Outro ponto importante e inesperado encontrado, foi com relação a situação onde há a ausência de referenciais para se identificar; que mediante essa ausência, aquele que está se

estruturando psiquicamente pode “buscar” e “encontrar” referenciais identificatórios que nem sempre o levam a bons caminhos. Vê-se então a necessidade de se preocupar com a constituição do sujeito, e até mesmo com a constituição da família, visto que é nesta que o sujeito encontra suas primeiras identificações. O artigo em questão, que mostra essa preocupação, deixa claro que mediante a ausência de referenciais identificatórios dentro da família, a criança busca se identificar com figuras dentro da cultura; cultura está, que na contemporaneidade está marcada pela falta de referenciais aos quais se apegar.

Conclui-se então que o estudo respondeu um de seus objetivos, falando sobre a identificação e a importância da cultura na constituição psíquica do sujeito, mostrando que a cultura não apenas auxilia nessa constituição psíquica, mas influencia com certo grau de importância, pois o Outro é indispensável a essa constituição, e o Outro é, de certa, forma representante de sua cultura.

Ao falar acerca da forma como as pulsões se apresentam na cultura, viu-se que existem diversos meios dessas se apresentarem. A repressão, é quando o desejo é reprimido; o sujeito deseja aquilo, porém, reprime esse desejo devido a impossibilidade, ética ou moral, deste ser satisfeito. Neste caso, pode-se compreender que os ditames culturais têm grande ênfase, pois geralmente é a partir deles que o sujeito se vê reprimindo seus desejos. Cabe até reiterar que Freud (1927/1996, p.17) elabora “Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto”, mostrando que parte da base da cultura é a repressão das pulsões. As outras formas encontradas para as pulsões se apresentarem na cultura, foram a reversão ao seu oposto, que muda o objeto ou conteúdo da pulsão, tornando-a totalmente diferente, mas chegando a uma certa satisfação; outra forma encontrada foi a sublimação, onde o sujeito “se aproveita” do que é possível ser feito dentro da cultura, e dessa forma, direciona seu desejo para atividades que deem alguma forma de prazer, foi visto que os autores encontrados sempre se referem as atividades que trazem prazer, como “atividades psíquicas superiores”, como a arte, o trabalho científico ou ideológico. Mostrando assim que de certa forma, a sublimação possibilita o sujeito a trazer inovações, possibilidades para seu meio, obtendo aprovação do Outro, e desse modo, conseguindo alguma forma de prazer.

Contudo, este estudo se implicou em falar apenas das pulsões de vida, e existe uma outra “categoria” pouco trabalhada por Freud, chamada pulsões de morte, que de certa maneira, são um desejo de voltar ao inorgânico, de destruir, de acabar com qualquer forma de tensão, como afirmam Laplanche e Pontalis (1986, p.528):

No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das pulsões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendentes à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma de pulsão agressiva ou destrutiva” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 528).

Devido ao reduzido número de estudos que Freud deixou sobre as pulsões de morte, e as contradições encontradas nas escolas que trabalharam a respeito deste tema (PRÓCHNO; LEMOS 2006), optou-se por não trabalhar neste estudo a respeito desta categoria, porém, encontrou-se que um dos destinos das pulsões dentro cultura, provém diretamente das pulsões de morte, e não das pulsões de vida, mostrando que pode-se criar mais trabalhos com esta temática, e que apesar de tudo que já se tem construído de conhecimento a este respeito, mais ainda pode ser feito.

Sendo assim, o estudo respondeu aos objetivos propostos; chegando à conclusão de que sim, a cultura é importante na constituição psíquica do sujeito, de que existem meios das pulsões de vida se apresentarem na cultura; porém concluiu-se também que o sujeito não obtém prazer diretamente na cultura, apenas o obtém por meio da sublimação.

REFERÊNCIAS

CAMARGOS, S, R, L. PRÓCHNO, C, C, S, C. ROMERA, M, L, C. Desamparo Primordial em Nietzsche e em Freud. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. Vol. 3, São João del-Rei, mar. 2009.

CARNEIRO, H, F. PINHEIRO, R, L. As falácias da eliminação do sofrimento e seus efeitos subjetivo. **PsiCo**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 2, p. 245-252, abr./jun. 2009.

DANZIATO, L, J, B. O drama pulsional, ético e político no sujeito da psicanálise. **Contextos Clínicos**, Rio Grande do Sul. Vol. 3. n.1, 29-37 jan-jun 2010.

FERRARI, M. A. L. D. O papel da diferença na construção da identidade¹. **Boletim de Psicologia**, 2006, vol. 56, n. 124. p. 01-08.

FILHO, O, D, F, F. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. **Rev. Brasileira de Psicanálise**. Vol. 43. n. 2. p.183-192. 2009.

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1920).

_____. O Futuro de uma Ilusão. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. O Mal-estar na Civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1921).

_____. Totem e Tabu. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIII.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão

e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1913/1914).

_____. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. Os Instintos e suas Vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV.**: Edição *Standart* brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915).

GIACOBONE, R. MACEDO, M. K. Cultura e desejo: a construção da identidade adicta no cenário contemporâneo. *Àgora* (Rio de Janeiro) v. 16. n. 1. p. 57-70. jan/jun, 2013

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de *trieb*. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília. Vol. 17. n. 3. p. 249-255. Set- dez 2001.

GUANILO, M. C, D, T. U.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M, R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2010.

GUIMARÃES, V. C.; CELES, L. A. M. O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 23. n. 3. Brasília. 2007.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, A, S. SOUZA, M, R. O pai da horda e o supereu: de um prenúncio da instância. **Psicologia USP**. São Paulo, Vol. 27. n. 3. p. 420-428. 2016.

MARTINS, C. F. CARNEIRO, H, F. Sobre leis, narciso e seus clamores. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza – vol. 9. n. 2. p. 603-617 – jun/2009.

MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

PRÓCHNO, C, C, S, C. LEMOS, M, F. Considerações teóricas sobre a psicanálise freudiana: da metapsicologia aos textos sociais* - **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**. FORTALEZA / v. 6 / n. 1. p. 219 - 261 / mar. 2006.

RICKES, S, M. Entre a sujeição e o domínio, vibra a posição sujeito: reverberações éticas de uma concepção do sujeito como lugar enunciativo. **Psicologia & Sociedade**. vol.19. n. p.15-24, 2007.

ROCHA, P, S. Algumas considerações sobre a constituição psíquica. **Psicologia Argumentação**, Curitiba. v. 28, n. 61. p. 167-174 abr/jun. 2010.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães) Rio de Janeiro. Zahar. 1998 (Obra original publicada em 1944).

SOARES, M, S. COELHO, D, M. Sobre o uso da Sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”. **Fractal, Rev. Psicol.** v. 26. n. esp. p. 593-606, 2014.

TEIXEIRA, L, C. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do *socius* na psicanálise freudiana. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 195-200, Jul./Dez. 2002.

TEIXEIRA, L, C. MOREIRA, J, O. O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 187-202, ago. 2013.

ZAVARONI, D. M. L.; VIANA, T. C.; CELES, L. A. M. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos de Psicologia**, Brasília. Vol. 12. n 1, 65-70. 2007.

APÊNDICES

ANEXOS